IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

# DESTINOS DO OU AO FEMININO? UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO MASCULINISMO REDPILL

***Eixo Temático** 36 - RESISTÊNCIAS EDUCATIVAS NAS MÍDIAS DIGITAIS FACE AO CONSERVADORISMO: A TENSÃO ENTRE SABERES E ATIVISMOS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES E O AVANÇO DOS DISCURSOS DE ÓDIO E PÂNICOS MORAIS.*

Isabela Akemi Oliveira Yamazaki [1]
Beatriz Pinheiro de Paula [2]
Orientadora: prof. Rosilene Caramalac [3]

## RESUMO

Este trabalhou buscou explorar a forte ligação entre o grupo Redpill e os ideais ultra capitalistas neoliberais no que essa revela sobre a masculinidade hegemônica enquanto um pilar do capitalismo. Assim, a partir da leitura psicanalítica da sexuação, visa-se atingir a importância desta como uma dos sustentáculos de exploração, assim como propor, com base nas análise de Safatle e Zizek, se não seria o próprio homem - como sujeito do gozo fálico - o fantasma a se atravessar para a superação desse sistema.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Masculinidades; Misoginia; Internet; Reacionarismo;

[1] Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, isabela.yamazaki@@email.com;
[2] Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, beatriz.p@ufms.br;
[3] Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, rosilene.caramalac@ufms.br;

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, toma-se o capitalismo como um modelo que transcende a economia e estabelece uma conformação libidinal do campo do desejo através dos discursos sociais (Safatle, 2020), em que os valores que perfazem a subjetividade e o que se busca no campo do outro ficam submetidos à extração da mais-valia(Safatle, 2020). Para pensar uma das bases sustentadoras desse modelo, foi escolhido o grupo dos auto denominados Red Pills, uma ramificação do Masculinismo, difundido, sobretudo, a partir da crise do neoliberalismo, no qual homens reivindicam seus direitos perante a suposta dominação feminina (Ribeiro dos Santos, 2023). Os adeptos desse segmento acreditam que despertaram para a realidade de que as mulheres são manipuladoras, oportunistas e não confiáveis, enquanto organizam-se, majoritariamente, em fóruns ou plataformas de mensagem online de compartilhamento de relatos, dicas e instruções sobre como dominá-las, sendo comum seu teor violento e misógino (Ribeiro dos Santos, 2023).

Dentre as muitas características desse grupo, uma que será mais discutida à frente é a da aparente organização num agrupamento desagrupado, em que, ao final, cabe àquele digno de tornar-se um macho alfa o escape final do complô feminino e o sucesso no sistema capitalista pelo qual definem-se. Sobre esse contexto, cabe a definição de duas grandes identificações utilizadas pelo grupo como modo de intra hierarquização entre os próprios homens - o que também auxiliará a pôr sob revisão a suposta coesão do grupo masculino na tábua da sexuação lacaniana - , no caso, a divisão entre machos alfa e beta, sendo, os primeiros, aqueles a cujo falo é designado por seu esforço, sacrifício e mérito próprio ao terem atingido o sucesso financeiro, estético, comportamental e sexual e os machos beta, que devem, pelo contrário, aceitar a privação sexual e financeira, assim como a eventual exploração pelos alfa, o que já demarca a importância imaginária de um outro rebaixado dentre a dinâmica organizadora do grupo.

Dito isso, foram coletados tanto materiais de referência para o grupo quanto uma amostra da produção acadêmica brasileira sobre o tema, com os quais teceu-se uma análise com uso do arcabouço psicanalítico lacaniano sobre a dependência entre o modelo uno de masculinidade defendida por esses grupos e sua preponderância para a manutenção do capitalismo enquanto sistema hegemônico.

## METODOLOGIA

Como materiais base para a pesquisa, buscou-se, a partir dos termos masculinismo e redpill, produções científicas brasileiras na plataforma do google acadêmico, assim como foram analisados falas do podcast Redcast e de participações de Thiago Schultz, um dos mentores do movimento, em outras mídias disponível na plataforma Youtube e o livro “Redpill: homens de alto valor” (Rodrigues Pereira, 2024). Como instrumentação teórica, utilizou-se da teoria da tábua da sexuação lacaniana e de sua teoria dos discursos, particularmente, em suas contribuições, mesmo que não finalizadas, acerca do capitalismo enquanto um quinto discurso como um determinante psíquico segundo esta perspectiva. Sobre o enlace entre gênero e economia, utilizou-se dos livros “Maneiras de transformar mundos” (Vladmir Safatle, 2020) e “O mais gozar” (Slavoj Zizek, 2024) e dos trabalhos de Vinicius Moreira Lima e Pedro Ambra sobre os estudos das masculinidades.

Assim, a partir da localização das dinâmicas psíquicas que definem um homem em Lacan e nos recentramentos propostos em seus comentadores a partir, sobretudo, do foco interseccional do fenômeno de gênero com o neoliberalismo, buscou-se responder se a masculinidade hegemônica, fálica, que subdivide o mundo entre mestres e subalternos, não seria um dos fortes pilares do neoliberalismo, uma vez que este naturaliza sua lógica de espoliação do outro com base nessa divisão.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ao conceitualizar a tábua da sexuação, Lacan estabelece duas localizações para o posicionamento de cada sujeito diante do significante fálico, símbolo da castração, de modo a estruturar suas formas de gozo na relação com o outro. De um dos lados da fórmula, o masculino, tem-se a fundação de um grupo dirigido pela fantasia que advém da determinação em tornar-se excepcional a uma regra fundada a partir de uma interdição que organiza o grupo em torno de algo que não poderá ser transpassado, o que determina o significante do falo (Lacan, 1972-73/1985).

Por esse modo, ao situar o homem como aquele cujo desejo é completamente dirigido ao falo, este torna-se constituído pela fantasia visto que seu gozo necessita de um cenário irrealizável: a concepção simbólica de si ao qual nenhum limite se aplica. Entretanto, esse que visa a atingir a infinitude do gozo aproxima-se, por sua conduta, do horror do não simbolizado, ao passo em que requer a afirmação repetitiva de sua impotencialidade ao necessitar avistar cada vez mais longe o falo para que seu desejo permaneça em pleno funcionamento (Lacan, 1972-73/1985). Dito isso, a sexuação masculina é aquela cujo tamponamento da falta é suporte necessário ao justificar o descompasso entre a fantasia do gozo total e a realidade (Ambra, 2015).

Em contraparte a isso, há a mulher, constituinte do lado não todo da fórmula, termo que justifica-se pelo movimento no qual, aparentemente, renuncia à vitória nos termos desta trama trágica masculina, mas à medida à qual propõe-se a pisar um tanto fora da terra em que reina o falo, estando não-toda, não completamente dirigida a ele (Lacan, 1972-73/1985). Dito isso, pode-se dizer que o feminino renuncia ao alcance simbolicamente cristalizado do gozo, não pretendendo, contudo, fundar um novo caminho das pedras, mas um que seja singular e construído a partir de seu desejo.

Esse estatuto indeterminado do feminino é o que, por definição, o impede de constituir a uniformidade de um grupo, condição cujo caráter pejorativo da não existência afirmativa - ou existência negativa - , entretanto, não condiz a uma

verdade necessária, e sim à perspectiva ideologizada do falo, algo muito rentável à economia capitalista (Safatle, 2020; Zizek, 2024).

Esse movimento de alienação, nesse momento, através do falo como um universal (Ambra, 2020), é preciso à socialização do desejo, cuja linguagem capitalista ocorre pelo que esse sistema dá a essa sujeição um lugar, estabelecendo oposições e hierarquias como um direcionamento prévio (Safatle, 2020). Nesse contexto, tanto Safatle(2020) quanto Zizek(2024) propõem uma leitura não essencialista das concepções de gênero lacanianas, chegando, este último, a resgatar a ontologia negativa do feminino: sem nada que o fixe para além da capacidade de ser nomeado. A nova perspectiva que Zizek estabelece a partir desse pensamento, ainda ancorado nos seminários de Lacan, é a de que considerar a feminilidade um ente mais além do falo acaba, justamente, por conservá-lo, uma vez que a determina pelo horizonte em que o escapa. Todavia, Zizek afirma estar nesta não identidade essencial uma liberdade transgressiva - não apenas para as mulheres - , uma vivência singular do corpo (Zizek, 2024).

Nessa aproximação, Lacan, quando propõe-se a localizar as posições do homem e da mulher, não prestou-se a uma necessidade ontológica ou realidade biológica do modelo, e sim a um diagnóstico de um estado entre essas duas instâncias naquele momento histórico, dando, por exemplo, enquanto possível a estadia de um homem "biológico" no lado não todo da tábua (Lacan, 1972-73/1985). Essa diferença nem sempre considerada pelos analistas ao referirem-se a essas posições já fora explorada por muitos pesquisadores (Safatle, 2020; Ambra, 2017), contando com a contradição lógica apontada por Zizek (2024) sobre o lugar em que habita - ou desabita - o feminino. Nessa concepção, essa inexistência de tudo aquilo que é não fálico torna-se uma condição estipulada pela própria categoria da masculinidade una como ideologia, sentido pelo qual o autor designa a teoria lacaniana como monista: é digno de prescrição teórica apenas aquele que busca o significante fálico, ao passo que à mulher é relegada à potência de não ter de existir nesses termos, o que dá a ela a potência de escape aos imperativos do excesso, do mais-gozar e do domínio como fins preponderantes do laço

com o outro (Zizek, 2024) e pelos quais ainda pauta-se a masculinidade fálica, que argumenta-se não constituir a totalidade (Ambra, 2015).

Neste trabalho, contempla-se a noção de masculinidade hegemônica, pela qual o masculino não segue eternizado no tempo, mas sim produz-se segundo a sensibilidade de cada época tal como a fuga à emasculação (Ambra, 2015). A partir dessa colocação, destaca-se que a opressão de gênero nos grupos masculinistas corresponde a um sistema produtivo que subjaz e objetiva todas as relações (Safatle, 2020). Segunda essa leitura, o capitalismo, mesmo entre mulheres, produz seus homens, assim como, dentre os homens, elege aqueles aos quais será concedido o direito de tratar os demais como mulheres. Assim, o que impera, no capitalismo, não é o homem e sim o gozo fálico distribuído, por definição, de modo desigual entre seus cidadãos(Safatle, 2020).

Nesse sentido, Zizek (2024) apoia-se em Tupinambá para questionar o falo como único lugar para o qual pode-se dirigir o gozo no sentido da suposta uniformidade do grupo masculino, propondo a ideia da horizontalidade múltipla (para além do binarismo oposicionista) das formas de gozo, ideia à qual pode-se atrelar a perspectiva das múltiplas masculinidades, em que o feminino pode ser uma saída disponível também ao homem na sua formação de laço. Essa ideia de Zizek, em articulação com a retomada da masculinidade hegemônica enquanto apenas aquela direcionada ao falo, ao passo que outras permanecem subjugadas e periféricas por razões materiais históricas, é o que motiva essa conexão entre a capacidade de escapar ao horizonte fálico do gozo e a indefinição desejante, o que tornaria também o homem múltiplo e singular.

Pensa-se, desse modo, que o capitalismo utiliza-se, dentre outros dispositivos, da eleição de uma masculinidade hegemônica para sustentar a naturalidade da exploração excedente (Safatle, 2020). Nesse sentido, a lógica fálica que rege a hegemonia do gozo masculino aparenta confluir em harmonia ao fazer econômico vigente ao conservar a ética da subjugação (Safatle, 2020).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até esse ponto, o sujeito resultante dessa dupla operação entre as forças capitais e masculinas hegemônicas aponta para ser aquele que toma o outro, em grande parte, no lugar do objeto a ser usufruído e descartado - o que parece realizar-se no discurso redpill direcionado às mulheres. O homem redpill poderia ser, nesse sentido, o sujeito máximo do capitalismo neoliberal, uma vez que depende da objetalização do diferente para relacionar-se a ele (Zizek, 2024).

Desta forma, o modela-se uma sociabilidade temerosa, formadora de pequenos grupos com discurso aguerrido, em que a suspensão das regras morais justifica-se pela diretriz de atingir o sucesso individual pelo capital. Essa correspondência do masculinino hegemônico ao gozo fechado em si condena tudo que seja efêmero e imprevisível - atribuídos à mulher no que se refere a sua beleza temporária, temperamento volátil e moralidade duvidosa (Ribeiro dos Santos, 2023) - como signo da impotência temida, afeto para o qual respondem com a potencialização do falo: o ódio a todos aqueles que estariam gozando indevidamente, sendo isso, de um local de suposta subalternidade.

Há, com isso em vista, o diferencial de que não é do corpo feminino que falam, e sim dos significantes da inconsistência que o marcam (Moreira Lima, 2022), sinalizando uma busca por guarnecimento a qualquer penetrabilidade pelo outro. Posto isso, o raciocínio persecutório concernente a essa binariedade contribui à manutenção do neoliberalismo ao vincular os momentos de instabilidade econômica a esse feminino imaginarizado enquanto fonte e secreto usufruidor de todos os males (Safatle, 2020), assim como quem consegue ser, a partir deles, uma exceção, a qual deve ser, imediatamente, retalhada, ao passo que é posta no lugar de um outro social (Miller, 2010).

Sobre esse outro trazido por Miller, ao pô-lo no contexto da leitura capitalista, pode-se defini-lo como a massa que goza ao mesmo tempo em que também é vítima da espoliação subjetiva proposta pelo regime capitalista. Assim, para o homem Redpill,

voltar-se completamente às insígnias vendidas pelo capitalismo - posto no lugar de outro - depende de adentrar a paranoia (Miller, 2010) de sentir-se por esse outro cobrado, perseguido e vigiado: uma troca fadada ao fracasso, uma vez que o propósito final deste sistema difere muito do seguido por uma comunidade simbólica de partilha afetiva, ao visar o esgotamento do laço com a comunidade (Safatle, 2020).

Em reforço a essa concepção, a partir da redução do ser homem à masculinidade hegemônica, "os homens ganham o direito social de punir quem se apresenta-lhes como desvio" (Saffioti, 2001), o que encontra-se potencializado dentro de comunidades em que esse valor amplifica-se. Essa socialização radical do masculino, entretanto, mesmo vivido dentre grupos, blinda-o das relações e impossibilita seu envolvimento na comunidade global - com a inclusão de seus dessemelhantes. Isso exterioriza-se a partir do momento em que várias menções a uma possível fraternidade apresentam-se, majoritariamente, no contexto instrumentalizado do mercado financeiro, sendo constante a referência nos termos de "investidor", "líder" e "homem de alto valor" (Buteco Podcast[Reserva], 2023), em que o mundo dos relacionamentos é descrito tal qual uma selva, o que asseguraria que apenas os mais audaciosos e autênticos viessem a atingir o sucesso(Rodrigues Pereira, 2024).

Com isso em vista, ao invés dessas coordenadas reinforçadas coletivamente servirem como um organizador social, forma-se um uma coesão desagrupada, dado que aposta-se num acordo reverso: ao invés de se seguir o modelo freudiano da exceção que direciona a regra, há a aparente compactuação conjunta de um esforço por negar a própria lei que os agrupa. Ampliando esse pensamento, mesmo dentre aqueles do movimento, a formação de laço compromete-se no momento em que há a valorização daquele que conseguirá ceder o menos-ainda à castração, uma falsa coesividade já apontada por Safatle (2020) como característica dos grupos regidos pelo discurso capital, - acentuada na hierarquização entre machos beta e alfa - , contribuindo à tese do não fechamento do masculino num todo coeso (Moreira Lima, 2022).

Nesse contexto, a violência red pill parece tentar negar a castração percebida no não alcance dos significantes da virilidade (Ribeiro dos Santos, 2023) neoliberal -

seguridade social, emprego, recursos, engajamento sexual, capacidade de produzir capital - , imputando a figura da mulher como aquela que goza por cima dos protocolos a que submetem-se totalmente os homens (já dito em relação ao direcionamento total da masculinidade hegemônica ao falo) como efeito dessa sensação de menos-valia advinda dessa frustração. Desse modo, a articulação desse enfoque com o mundo do trabalho, manobra comum em Zizek(2024), essa necessidade pela existência de um subalterno, parece produzir um impedimento a uma organização alternativa que se propusesse a demandar coletivamente por mais direitos.

Nesse contexto econômico da vivência das masculinidades, é comum àqueles apartados de seus direitos básicos - pobreza, trabalho precarizado - encontrem no ato de subalternização de um outro uma resposta (Ambra, 2015 & de Oliveira, 1998), produzindo, a partir dele, um saber sobre si. Essa solução, que bagunça as posições de mandante e mandatário, ressoa com o discurso lacaniano do mestre, em que o outro é visto como aquele capaz de produzir ao primeiro a reafirmação de si alienada no ideal de completude, o que é sentido como um excedente de gozo pelo senhor, mas que, na realidade, reafirma o poder do subalterno - neste caso, feminino - de dar a ele os nomes aos quais se apega.

Assim, tanto na dinâmica da sexuação masculina quanto em sua coprodução com o capitalismo, visa-se a produção de um ser desfalicizado: a mulher, o empregado ou o macho beta, dos quais, contudo, permanecem dependentes. Nessa amarração, a equivalência redpill entre ser um “homem de alto valor” e não ser mais ignorado socialmente, relatada por Rodrigues Pereira (2024), um de seus adeptos, pode ser posta no contexto dos trabalhadores em postos de menor prestígio social, quando sentem-se invisíveis em suas instituições de ofício e almejam a ascensão pela via preestabelecida do capital para recuperarem uma dignidade perdida ou que nunca alcançaram - mas que permanece em seu horizonte enquanto futuro prometido ou passado nostálgico (Safatle, 2020).

Nesse caminho, o discurso redpill concebe a mulher como um grande outro totalizado contra quem a castração deve provar-se mais forte, demanda essa que a elege como representante do horror, do ponto em que as identidades adquiridas do eu se dissolvem (Ambra, 2015), o que expõe a face paranoica que exige a entrada na neurose (Miller, 2010), porém, num pico exacerbado, ao passo que a ideologia redpill viabiliza-se não apenas pela negação da castração - propondo, à figura feminina, um signo de invasão - mas também por uma hiper valia da lei regente - a sujeição trabalhista proposta pelo neoliberalismo - cuja elevação simbólica conduz à importância da vivência dessa super individualidade enquanto grupo, ignorando a contradição interna desse estatuto, que, no neoliberalismo, reafirma os valores de gestão do sofrimento psíquico, de monetização das identidades e de descartabilidade necessários à manutenção do neoliberalismo (Safatle, 2020).

Nessa toada, pode-se dizer que a fuga ao feminilizar-se - que o outro encontre nele uma abertura - desemboca na rejeição a traços como simpatia, solidariedade e mesmo o desconhecimento promovido pela alteridade nos próprios homens (Rodrigues Pereira, 2024), atacando modelos de masculinidade alternativa em prol de um ethos competitivo dirigido à sedução (Buteco Podcast[Reserva], 2023). Concebe-se, assim, uma tendência à perda da regulação social dos afetos, visto que o homem é incitado a perceber no que o outro lhe devolve enquanto veto - como o medo, citado por Rodrigues Pereira (2024) - um sinalizador de sua impossibilidade de existência, ao menos, enquanto ainda preza por manter-se na relação com o outro, seja esse feminino ou masculino. Assim, entra no lugar do reposicionamento imaginário do sujeito perante a adversidade o imperativo de negação dessa lei, validado pelo grupo na prática da vilanização do outro feminino, ou social (Miller, 2010), em que estipula-se o contrário da regra fundadora citada, uma vez que ali onde não se pode, ergue-se o imperativo do ato.

Esse sujeito urgente na busca de seu destacamento do grupo cultiva no cerne das subjetividades uma efetiva ferramenta de desmobilização social, uma vez que esse agrupamento disjunto produz a sensação de isolamento admitido por seus próprios integrantes (Inteligência Magnética, 2022), em que a ilusão do “ser autêntico”

neoliberal vira tentar constituir-se por fora da cultura, desembocando numa trilha solitária. Nessa dimensão, afirmar-se como aquele que não teme manter-se nessa posição vulnerável (Rodrigues Pereira, 2024) ganha ares de sacrifício: abrir mão da solidariedade comunitária em prol do individualismo máximo.

Isto posto, conforme explora Zizek (2024) ao confabular a tábua da sexuação partida-a entre trabalhadores e desempregados, essa resposta redpill torna-se análoga à do trabalhador não sindicalizado perante seus colegas associados: com vistas a, um dia, subjugá-los, conforma-se aos abusos patronais, mesmo tornando-se, até que essa glória mítica se precipite, alvo de desafeto. Contudo, o truque capital está na ponderação de que o "homem de alto valor" não precisa alcançar, de fato, o sucesso material, mas, antes, fazer como aquele que o incorpora em seu jeito de agir, o que é descrito nos termos "mentalidade de abundância", considerada necessária ao macho alfa (Rodrigues Pereira, 2024). Essa vivência pelo semblante, similar ao discurso capitalista (Safatle, 2020), torna-se economicamente pernicioso por permitir a extração de um mais-de-gozar sem comprometer-se ao fim almejado pelo trabalhador.

Tal encadeamento aponta, tal como as contribuições de Ambra, Safatle, Zizek e Moreira Lima, a performance masculina servindo como uma ferramenta de classe em sua capacidade de estabelecer uma desigualdade radical entre os falantes, a qual serve de base à aceitação das dinâmicas de dominação e espoliação que perfazem o capitalismo neoliberal (de Oliveira, 1998 & Ambra, 2015). Mas, análogo ao que foi dito sobre o não sindicalizado, ao invés do diagnóstico desse roteiro de gênero conduzir à crítica desse imperativo, a solução empreendida pelos Redpill aprofunda ainda mais essa desigualdade, como o que pode ser exemplificado por um comentários dos adeptos do movimento sobre o cantor Bruno Mars, em que reiteram não haver problemas em seu uso de saia e maquiagem, dado seu status social e financeiro (Orochidois, 2022), o que apoia ser a postura da masculinidade fálica e hegemônica defendida pelos Redpill e, possivelmente, outros grupos masculinistas, intensamente implicada aos determinantes financeiros que regem o capitalismo na atualidade (Safatle, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas ligações feitas no artigo, procura-se evidenciar a necessidade de intervenções na esfera econômica da subjetivação no que tange à diminuição da violência potencializada por grupos masculinistas, no que se propõe, ao invés do isolamento maior desses sujeitos, seu agrupamento quanto aqueles que podem lutar contra uma produção sistemática de subalternos.

Essa repartição em lugares intransponíveis corresponde a uma necessidade instrumental do modo capitalistofálico de se viver: exercendo o controle e financeirização das subjetividades a rigor da produção da mais-valia(Safatle, 2020). Por fim, transcender a esses lugares acentua-se no lugar de empreender na busca por um novo homem, mirando-se na criação de novas formas de humanização.

## REFERÊNCIAS

AMBRA, P. **O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente**. São Paulo: Annablume, 2015.

AMBRA, P. E. S. **Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan.** 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; Sorbonne Paris Cité – Université Paris Diderot, São Paulo, 2017.

RIBEIRO DOS SANTOS, Cecília. **O movimento redpill e a misoginia: uma perspectiva psicanalítica.**. Trabalho de Conclusão de Curso(Bacharel em Psicologia) – Faculdade Ari de Sá. Fortaleza, 2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda.** Tradução de M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-73/1985.

LIMA, Vinícius Moreira. **Homens em análise: destinos do falo e travessias da virilidade na psicanálise lacaniana**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2022.

MILLER, J.-A. **A salvação pelo dejeto**. Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 67, p. 19, dez. 2010.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Discursos sobre a Masculinidade**. Revista Estudos Feministas, *[S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 91, 1998. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036 . Acesso em: 11 ago. 2024.

SAFATLE, Vladimir (2020). **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu, n. 16, p. 115–136, 2001.

OROCHIDOIS. **Não seja um betinha meia boca**. Youtube, 2022. 9min48seg. Disponível em: (126) não seja um betinha meia boca - YouTube. Acesso em: 05/04/2025.

INTELIGÊNCIA MAGNÉTICA. **O homem não pode ser fraco | Thiago Schutz**. Youtube, 2022. 5min56seg. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jcMB5zcTirQ. Acesso em: 05/04/2025.

ZIZEK, Slavoj. **Mais-gozar: um guia para os não perplexos**. Tradução de Fábio Creder. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2024. 504 p. ISBN 9788532668738.